



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Director e Editor: PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

28 DE JULHO DE 1956
Ano XIII — N.º 324 — Preço 1\$00

Património dos Pobres

Eis o último artigo escrito pelo Pai Américo:

O núcleo de vinte moradias do Carvalhido, cidade do Porto, prega esta mesma doutrina; elas encontram-se intercaladas num bairro de gente de algo que já ali era e hoje fazem todos boa vizinhança. Os vicentinos assistem. De uma família que melhorou de situação, sabemos que imediatamente se retira e cede o lugar a outra mais necessitada! Um só baptismo. Um só altar. Um Único Redentor. E' preciso pôr-se por obra a doutrina que pregamos. Escolhas e distinções não são medidas do Evangelho. A propósito de casas do Carvalhido dizemos aqui: as «Santa Cruz» e «Um Casal Feliz» encontram-se naquele lote.

Voz do Governo

—Profundamente comovido tristíssima notícia falecimento Padre Américo associo-me todo o coração vossa grande dor. Asseguro não esquecer a grandiosa Obra habitação para os humildes. Veiga de Macedo.

—Membros do Governo e Autoridades marcaram presença à nossa dor.

—E à despedida o Snr. Dr. Melo e Castro deixou-nos a promessa estimulante: «Se até agora tenho sido vosso amigo, daqui em diante muito mais.»

Voz dos Gaiatos

Estava na Praça da Liberdade. Os passeios regorgitavam de gente. Os carros eléctricos paravam e poucos deixavam de ser visitados pelos nossos pequenos vendedores. Sentia-me feliz, naquela hora, por vê-los tão bem ocupados. A minha ida ao Porto havia sido para espreitar; insuflar vontade e espírito de sacrificio nos vendedores. Porém, no meio do turbilhão da praça eis que apa-

Cont. na pág. TRÊS

Pedimos licença para dar aqui as palavras que disse um vicentino, no acto de entrega de 6 casas na Covilhã:

«...O seu principal papel, a sua primordial função está, precisamente, na reforma moral que é necessário exercer nestas famílias.

Se lhes dermos uma casa e as abandonarmos a si próprias, se não tratarmos de reformar a mentalidade destas dezenas de crianças que aqui vão crescer e desenvolver-se, tudo o resto será perdido.

Esta Obra que é da Igreja, tem que olhar acima de tudo para as almas destes infelizes, para as conduzir para a mesma Igreja, porque se o fim desta obra fora outro, não teria valor perante Deus.

Estas crianças preci-

Cont. na pág. TRÊS



Em Beire, Pai Américo escuta a voz da Igreja a manifestar-se por intermédio do Pastor.

Presença da Igreja

Naquele dia a presença da Igreja foi visível entre nós na pessoa do nosso Bispo. De manhã em Beire abençoando e abrindo ao culto a Capela da comunidade dos agricultores. À tarde em Paço de Sousa, a velha Casa que vai frutificando em obras novas a que o Senhor conduz, mais do que o querer dos homens.

Em ambos os actos Sua Ex.^a falou. As duas vezes com a paternal franqueza de quem conhece e sente e ama, acautelando o futuro à luz da experiência e das responsabilidades do presente.

As suas palavras foram para nós uma confirmação. Quem dera que muitas vezes nos fossem repetidas, pois que, aprovando ou admoestando, é a solicitude da Igreja nossa Mãe a manifestar-se por intermédio do Pastor.

Uma confirmação—disse. E digo porquê. O Senhor Bispo afirmou que uma Obra como a da Rua poderia ser criada e mantida por leigos. Há a convicção espalhada de

Continua na segunda página

O Testemunho dos Padres da Rua

Os desígnios divinos constituíram-me seu «cirenéu» os últimos dois anos. Passámos juntos a noite derradeira. Meus ouvidos indignos escutaram suas últimas palavras conscientes.

O peso da sua Cruz ficou-me por herança. E agora já não sou eu que ajudo; é ele que me conforta até o cimo da erueifixão.

Padre Carlos

É convicção comum que o Pai Américo não morreu. Assim o diz a Escritura — a voz de Deus:

—«Aquele que vive e crê em Mim, não morrerá!»

—Então?
«O Senhor desceu a cerrar-lhe os olhos e naquele cerrar terminou o seu sofrer».

«Caiu bem, toda para a direita, no regaço da SS. Trindade e, na queda fidalga, magestosa, serena, ouviu distintamente o — «vem bendito do meu Pai possuir o que te está preparado desde o principio do mundo.» Canonizada pelo próprio Deus».

Isto disse o Pai Américo de alguém.

E que direi eu dele?
— Oh insondáveis desígnios de Deus!

Nada mais sei nem posso acrescentar. Vou recolher-me à minha insignificância e trabalhar no «Calvário» à sombra do gigante que vive na sua obra.

Padre Adriano

«Pai Santo, conserva em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um só como nós somos um.»

Como naquela hora de despedida de Quinta Feira Santa Jesus pedia ao Pai que conservasse os seus Discípulos, também nós hoje, nesta hora tão grande, pedimos ao Pai do Céu e ao Pai Américo que nos conservem unidos sob a sua protecção.

Padre Horácio

Sempre que a morte entrava nas nossas casas levando-nos algum miúdo, Pai Américo não vestia luto, antes anunciava uma alegria: «Acendeu-se no Céu mais uma luz!»

Ei-lo agora lá, como acreditamos, baseados no salmo que rezamos no breviário:

«Bemaventurado o que tem o cuidado do Pobre. No dia mau o Senhor o livrará». De olhos nos olhos dele, que se fecharam na cidade do Porto e se abriram no Céu, continuaremos a ver no Pobre a Pessoa adorável de Jesus.

Padre Elias

Toda a Obra que não é humana mas tem o selo divino começa precisamente quando tudo parece humanamente ruir. Deus não precisa dos homens, ainda que deles se sirva. Por isso a morte daquele que Deus escolheu para lançar os alicerces da Obra da Rua marca o início desta.

Não vamos mais longe do que ao Calvário.

Confiamos no exemplo do Mestre.

Padre Baptista

Voz dos Heróis

—Ofereci a Deus minha vida em troca da do Padre Américo e Deus não aceitou. Bem sei a pecadora que sou. Não era digna de tal honra.



A chegada à nossa Capela. A Cruz é o símbolo duma vida dedicada inteiramente ao Rapaz da rua e ao Pobre.

Presença da Igreja

— Continuação da 1.ª página —

que a Caridade pertence aos sacerdotes. Tomam-se estes como que funcionários d'Ela. E o cristão da massa julga-se, por isso, dispensado a respeito da excelsa Virtude. Ora tanto aquele pensamento estava, desde o princípio, na mente de Pai Américo, que a contar da primeira hora Ele o sintetizou no nosso lema: «De rapazes, para rapazes, pelos rapazes.» Na verdade, se o arranque não partiu de leigos (e no nosso meio era quase utópico esperá-lo), procura-se justamente, como meta, colocar leigos na linha da frente que há-de governar e conservar o movimento lançado.

Quantas vezes Pai Américo nos não tem prevenido do perigo de nos tornarmos administradores. Quantas outras não tem afirmado que a nossa obra não é essencialmente clerical. Precisamos de padres, sim, (e a nossa maior falta é a míngua deles) para formar rapazes que possam preencher as fileiras da grande responsabilidade. Quando tivermos destes em qualidade e número suficiente, não seremos nós a ocuparmos de tanto que ainda nos ocupa neste tempo do estabelecimento da Obra. Depois seremos ainda precisos, sempre precisos, mas então para amparar e ir formando outros que renovem quadros, mas já em plano mais especificamente sacerdotal. Seremos como Pais de filhos de maioridade, com quem dividiremos o governo do que Deus constituiu nossa herança.

Porém, até lá, quantos trabalhos! quantas esperanças frustradas! quanta consumição!

O que custa fazer de um homem, um Homem — muitos o sabemos! O que custa fazer de um homem, um Homem capaz de sair de si mesmo para se dar aos outros, sem outro prego do que o agrado de Deus — melhor do que ninguém o sabe um Bispo! E quando estes Homens se hão-de recrutar entre a escória que os homens produzem — só Deus sabe que esforços da Graça isso não custa! Por isso, até àquele dia em que tivermos em cada posto de comando o reconquistado disposto a entregar-se como peñhor da vitória que sobre si

*Ofereço ao Gaiato nº 173
de 14 de Outubro 1950,
aonde falei de meu desejo
na "Nota de Apresentação".
Assim quer que eu mesmo
deixa ao trabalho como um
peñhor. O Sumário de
Dinheiro, sempre a obrigação
de me seguir o ofício
de defunto e mandas
celebras um mês e 10 de
missas gregorianas. São
membros de Rega de Caridade
O pedido de desquite. Tudo
sempre cumprido, e espero
q. A dos cumpridos, o trabalho
de mimto muito. Não
deixa os paramentos de altar,
mas similitude a bituna e
descalço.*

A ÚLTIMA VONTADE

mesmo conseguiu, em acto de religião — até àquele dia, quantos trabalhos, quanta consumição!

Porém, por graça de Deus, esta esperança já não é para nós de todo miragem. Parece que uma nova manhã começa a anunciar-se. Quando chegar o tempo que só Ele sabe, o Senhor não deixará vazias as mãos que a nossa fé lhe ergue.

Isto quanto à posição do Padre da Rua diante dos seus gaiatos.

Mas, a circunstância de um jornal nos ter levado ao conhecimento e ao interesse das multidões faz que mais grave responsabilidade pese sobre nós.

Ora, diante do povo que se diz cristão e se julga dispensado dos deveres da Caridade, «porque esses pertencem, como o ofício ao funcionário, aos sacerdotes» diante do povo — digo — a nossa tese tem sido justamente a contrária da convicção generalizada. Ao longo de treze anos de palavra escrita e muitos mais de palavra prégada, o tema quase obsessivo tem sido o dever de todo o homem se educar socialmente e de assumir as suas respon-

sabilidades diante dos direitos dos outros homens, ganhando assim uma consciência social que lhe abrirá caminhos de acção em prol da Justiça por meio da Caridade. Esta educação diz respeito a todos os homens pelo facto de serem cidadãos de uma pátria. Mas quando se ajunta a esta condição a condição altíssima de filhos de Deus, a qual fundamenta a fraternidade entre os homens dessa condição, então esse dever urge de tal maneira que não cumpri-lo é apagar na alma o que a faz cristã — a virtude viva e eterna da Caridade.

Ora esta diligência de criar mentalidade cristã no povo que se diz cristão, conduz também à realização do pensamento que o Snr. Bispo expressa: Obras como a da Rua poderiam ser leigos a fazê-las.

Em países onde a mentalidade social (com a Igreja de Cristo ou sem Ela) tem uma existência viva, leigos têm gerado e sustentado Obras como a nossa com frutos patentes. Algumas vezes se têm dado destas notícias em «O Gaiato».

E até, o Pai Américo chegou a escrever um dia que a perfeição da Obra seria acabar... por já não ser precisa.

Vemos pois como a posição do padre da rua, segundo o pensamento de Pai Américo, tende para uma missão cada vez mais puramente sacerdotal com a formação de leigos, quer rapazes que assumam cargos directivos nas Casas do Gaiato, quer a massa cristã, com tal mentalidade que possa fornecer elites capazes de realizar a Caridade nas suas formas assistenciais.

Esta convergência já de si mesma é um sinal de bom caminho. E como a ela se junta a afirmação expressa do nosso Bispo, que é para nós a pala-

Continua na quarta página

ISTO É A CASA DO GAIATO

Uma lembrança também se perpetua por um elemento de extinção. Esta é a coluna da saudade. Não deixará jamais de ser presente porque não mais será apresentada.

Doutor Herlander é suficientemente conhecido de todos para de novo o apresentar; foi um grande e devotado conquistador da posição que hoje goza, à qual não chegou sem as normas do estilo: o sacrifício. Pois tenho aqui sobre a mesa de trabalho a sua última carta de Quelimane e dela retiro estas palavras: «meu filho manda-lhe um beijo com toda a candura da sua inocente idade». Este filho é o primeiro. Por ele esperou. Nele se vê. Com ele se identifica. Oferecer-me «o beijo com toda a sua candura», é dizer o mais que se pode e dar o mais que se tem.

Justamente neste mês e ali perto, na Zambézia, um dos nossos (António Teles) estará em condições duma semelhante oferta se Deus, na verdade, lhe vai dar ou já deu o tesouro. Outros, noutras terras, em iguais circunstâncias, ocupam grandes momentos da minha vida, justamente porque a toda a hora espero por estas notícias.

O carteiro entregou hoje uma data de convites dirigidos aos «maiores» da aldeia, papel azul e perfumado. Cheirou-me a casamento. Abri um deles e era. Lá vinha Maria Alice Ferreira da Silva, a tal que não tem um tostão e José Eduardo Gonçalves Moreira Lopes.

Todos os «grandes» receberam menos eu. Eu não recebi. Eu recebo outra sorte de convites... Pelo corte e desenho dos cartões, comecei a desconfiar, dirijo-me ao chefe da tipografia e não me enganei; o trabalhinho fora executado nos nossos prelos. Também fora assim, no caso da recente festa do senhor Gonçalves. Também foram os rótulos especiais que serviram nas caixas e malas deste senhor, hoje novamente na Zambézia. E se formos a cartões de visita e anúncios de festas e programas e o mais que a imaginação inventa e tem liberdade de executar, os senhores não queiram saber quanto aqui se gasta de tinta e de papel e de tempo. Ou isto não fosse a Casa do Gaiato.

x x x

A história do Zé Eduardo na Casa do Gaiato foi longa e bela. Não me parece que tenha jamais puxado tanto por um rapaz, justamente por haver compreendido que ele tinha muito que dar. Levei-o aos últimos fios, tanto que lhe chamava interiormente e ao depois ostensivamente o massacrado. «Tu és um massacrado». De onde se vê que educar é aproveitar. O educador não dá nada ao seu educando; aproveita as suas qualidades e mais nada.

x x x

Hoje tivemos aqui um tribunal de doces resultados. Foi à tardinha no final das orações. Estavam todos sentados nos degraus da capela face ao cruzeiro, sendo os maiores nos degraus da escola. Chamei à barra os vendedores do jornal. Aí começam figuritas a emergir do grupo e aproximam-se uns doze. Gosto de segregar aqueles a quem me dirijo; fazê-los vir ao meio. E' mais solene. Há mais eloquência. O turbilhão foi sempre em toda a parte, uma coisa anónima. Primeiramente faz-se um nadinha de silêncio, enquanto olhamos o semblante de cada um. Nesta sorte de tribunais tudo fala e até acontece que muitas vezes, antes de usar a palavra, já eles disseram tudo. Ora eu falei do produto da venda do jornal. Dos



Os gaiatos velam o corpo do Pai Américo.

ISTO É A CASA DO GAIATO

Cont. da página anterior

perigos do dinheiro na algibeira. Da tentação de lojas abertas e coisas agradáveis lá dentro e homens para servir. Tudo isto foi ali desfiado em termos que todos pudessem compreender. Falei de outros vendedores, hoje nomens e alguns ali sentados entre os grandes, que também no seu tempo sofreram e caíram em tentações, mas que por si mesmo se ergueram para nunca mais; e por fim rematei: «tende medo do dinheiro». Estava feito o tribunal. Despedi-me. Levanta-se a chilreada. Eu entro na capela a completar o dia. Ao pé arde a lucerna suspensa de um lampadário. Sinto que alguém me toca nos ombros. Abro os olhos. Era um dos vendedores. «Deixe-me sair da venda». Doces resultados. Uma confissão indirecta mas perfeita. Nestes casos o medo é vitória. Claro que o rapaz volta à venda. Há-de falar muitas vezes com ele e até sentá-lo à tua mesa sem dares fé de quem ele é. As confidências não se fazem a todos. Só a mim é que ele fez a maior de todas: «deixe-me sair da venda». Querendo dizer com isto que, se até à data não, agora vai ser fiel.

x x x

Tivemos aqui há tempos a visita de um estrangeiro que ficou oito dias para melhor ver e sentir e dizer, e assim fez. Publicou em vários jornais e revistas tendo-nos chegado às mãos uma, da qual Daniel Rops é editor — «Ecclesia». Neste momento, encontra-se também e por igual espaço de tempo uma senhora estrangeira, que nos foi apresentada pelo Secretariado Nacional de Informação, com o mesmo fim; ver e contar. Ora acontece que a senhora não sabe meia de português e isto é que lhe vai dar o melhor assunto da casa. A mímica. A mímica que se tem manifestado e desenvolvido. Estivesse ela mais tempo que pela prática e uso que os rapazes vão tendo, bem poderiam vir a dispensar a linguagem. O mais vivo de todos é o «Banana». Tanto que deixou os teares e veio para a cozinha durante a estada da escritora. Houve logo um grande sarilho, já se vê, porquanto Melo tinha sido até ali o criado de mesa e de quarto e não estava nada resolvido a largar, mas a verdade é que o rapaz é muito mais fraco em acenos e quem sofria com isso era justamente aquela a quem tudo desejávamos dar; ela foi-nos apresentada superiormente. Nós não chamamos nem repelimos esta sorte de visitantes. Cuidando eles que vêm em nosso serviço, a verdade é que trabalham para bem do mundo. Eu li o extenso artigo da «Ecclesia». Outras nações, outras línguas, outros povos hão-de ter idênticos conhecimentos e sentir as mesmas comoções. São forças necessárias. E' apologética. O mundo precisa de algo a que se possa ater. Obras desta natureza, dão o sentido do Eterno.

x x x

Paço de Sousa e Beire, pela distância e tudo, formam a bem dizer um único bloco. E' um salto. Todos os dias ali salto. Andam 90 trabalhadores. São noventa cestos que as mulheres trazem todos os dias com o caldo dos maridos. Por vezes é o filhito que o faz e comem todos em família, à sombra dos pinheiros, perto da obra que lhes dá de comer. Quanto mais vejo, mais gosto de ver. Há quinze anos que andamos nesta vida e ainda não afrouxou a fome e sede que sentimos de dar de comer aos outros!

Beire é a grande desordem. Foi daqui uma galinha com 12 pintainhos, naquele tempo. Foi a senhora da cozinha. Foram doze rapazes.

Cont. na página QUATRO



Pai Américo sai da Trindade para Paço de Sousa.

VOZ DOS GAIATOS

— Continuação da 1.ª página —

rece o «Banana», esbaforido. Foi a primeira trombeta.

— Sabes?

— O quê?

— Pai Américo partiu as duas pernas!

— Quem te disse, rapaz?

— Foi nos senhores...

Pai Américo estivera momentos antes no Espelho da Moda, e aquela notícia assim tão crua fazia desconfiar. Continuei. O meu coração tremeu. Obtida a confirmação da tragédia, dos Clérigos ao hospital foi um pulo. Entrei. Pai Américo jazia na câmara de oxigénio. Abeirei-me. Acenou e sorriu. «Por aqui?...» Dispus-me a não arredar mais pé. Se companheiro nas horas altas de alegria, nas amargas ainda mais.

Entretanto a notícia correu veloz. Repórteres, pequenos vendedores, Amigos da primeira hora, médicos, todos viviamos no banco do hospital.

E não resisti a tornar junto da cama. Entrei. Cheguei-me para mais perto. À força conseguí sustar as lágrimas. «Abre isso». Era o fecho da câmara de oxigénio. E abri. «Estou bem», continua. Fiquei, então, mais conformado: «es-

que sinto; um mal estar geral!... E a noite inteira foi de sofrimento e uma resignação de estremeecer. De vez em quando limpava-lhe o suor. Cobria-lhe o corpo. E quantas me pedia gelo: «Júlio, dá-me gelo». De pé ou sentado à cabeceira, a minha vigília incomodava-o: «deita-te». Era a preocupação. Via-me sem descanso. Eu conhecia o Pai Américo. Foram anos de companhia diária. Ainda bem não e já sabia o que queria. Às vezes bastava um gesto. Outras, uma palavra. Outras ainda, uma frase mal acabada: «Oh Júlio, não pode ser. Não posso dizer-te nada». E ria a bandeiras despregadas. Por isso compreendia perfeitamente aquele «deita-te».

Todavia, no meio daquele amargo sofrimento ainda chegou a exclamar: «já estou a acostumar-me a isto»...

Até que surgiu a aurora de domingo e piorou. Chamei enfermeiros e médicos e tudo. A cada passo dizia: «Júlio, estou muito mal». Pai Américo sabia como estava. Sempre esteve lúcido, bem lúcido. E foi o momento de pedir o capelão: «chama-me o capelão». Que momentos! Descrever? Faltam-me palavras. O recolhimento,



O povo junto da Capela da Misericórdia.

tu bem». E sorriu. Porém, um sorriso diferente. Já não era o que nos habituáramos a ver. E remata: «quando saio daqui?» a comoção não respondeu e saí.

Instalado num quarto do pavilhão aí acompanhei parte do seu calvário. Nos momentos dolorosos exclamava: «não sei

a devoção, até a santidade como recebeu os Sacramentos, é impossível de dizer. No meio de tudo isto, só de joelhos e olhos na cruz, de vez em quando, tudo parecia caminhar bem. Mas Deus quis chamá-lo. E na segunda feira cerrou os olhos para o mundo e abriu-os para o Céu. Custou-nos! Aos homens que treme a morte

Património dos Pobres

— Continuação da 1.ª página —

sam ser acompanhadas, amparadas, auxiliadas pela vida fora, e para isso é necessário boas almas que nos ajudem.

Nas fileiras das Conferências de S. Vicente de Paulo, únicas entidades encarregadas de as auxiliar, faltam muitas almas generosas, fortes, ardentes, que andam dispersas e que era necessário agrupar.

Precisamos que elas venham colaborar conosco, compartilhar do nosso esforço, porque dividido será mais fácil».

Voz da Igreja

— Está de luto Igreja em Portugal e mais orfãos rapazes da rua Ajoelho oferecendo patena Santa Missa grande Obra evangélica realizada. Cardeal Patriarca

— Estamos todos desolados com a morte do nosso Pai Américo. O Pai dos Pobres! Perda Nacional! Aqui as Irmãs Beneditinas de Romiz comoveu-me um gesto lindo dos funcionários da Fazenda de Vila Luso. Vieram todos, de luto, apresentar-me os seus sentimentos por esta grande perda. Hoje celebrei a Santa Missa por ele. Na diocese de Silva Porto reza-se por ele. D. António Ildefonso, Bispo de Silva Porto.

— O Senhor Bispo de Limira, celebrante da Missa de corpo presente na nossa capela falou-nos do velho companheiro de África, recordando a beleza moral da sua alma.

— O testemunho, silencioso para o grande mundo, do Senhor Bispo do Porto, pulsando conosco os mais íntimos problemas.

custa. É a saudade. Mas a morte para o Pai Américo fora sempre o princípio da Vida. E para a Vida Eterna é que trabalhara — pelo desgaste quotidiano, vigílias, desgostos, incompreensões, em suma, amor total ao Rapaz da rua e ao Pobre, por amor de Deus.

E os Pobres não faltaram. Pai Américo sempre me dissera: «os pobres são os nossos Amigos. As nossas testemunhas de defesa no dia do Juízo Final». E, mesmo na terra, junto do seu corpo inerte, eles não faltaram a confirmar a sua profecia. Eu vi. Eu vi o Barredo a desfilar e a chorar o seu Amigo. O Barredo de Mãos Postas, o Barredo de Alto Sim, o Barredo, o povo daquele «Lugar de Mártires, de Heróis, de Santos», que Pai Américo tanto amara e fora uma das suas coroas de glória.

Júlio Mendes

Isto é a Casa do Gaiato

— Continuação da terceira página —

Tudo está hoje na mesma, excepto os pintainhos que se fizeram galinhas e hoje os 24 hectares da quinta, são o seu livre domínio. Não há capoeiras. Não há verdadeiramente o ninheiro. Cada ave escolhe o seu ninho, tira e conduz sua família e isto é tudo à minha feição; ele nos buracos, ele sob as rimas de lenha, ele nas bermas dos campos, nas cortes do gado, de toda a parte surgem e transmitem.

Temos ali um homem que se ofereceu para trabalhar. A seguir soube-se da sua história pelo médico assistente. Não era trabalhar; o homem precisava mas era de comer. Entrou ao «serviço». Começa e logo aparecem cor e forças. Ele tem quatro filhos. Pede que se lhe dê jorna a seco: «eu como em casa». Mas médico intervem. A própria mulher também; — «que não». Foi então que o trabalhador confessou a sua grande tristeza: «eu a comer tão bem e os meus filhos a passar mal!» Que grandeza! O que não faria este pai pelos seus filhos, se tivesse meios?

x x x

«Escritora e jornalista de reais méritos», como reza a carta de apresentação da nossa visitante Estrid Ott de seu nome, começou a ficar um nadinha moída no quarto dia da estada aqui. São os rapazes. Como apenas nos encontramos duas vezes ao dia, à mesa do meu pequenino refeitório, é ali que ela desabafa. Todos pretendem levá-la a observar suas obrigações. Capoeiras. Coelhoos. Pombas. Vacas. Com sua licença porcos. Os teares. A Tipografia. Os carpinteiros. Os camponeses. O «Sedielos» foi mais longe; toma a senhora por um braço, enfia-a na casa do forno e não a deixou sair de lá enquanto não meteu a fornada! E não contente, sempre que a encontra nas avenidas ou quê, vai-lhe buscar uma côdea. Mas há melhor; muito melhor. Foi o «Macaco». Este é das vacas e quando chegou a hora de tirar o leite, tendo ele dado fé que a escritora percorre todas as obrigações, foi convidá-la para o seguir aos estábulos e ver como ele faz; e a pobre da senhora foi. Ora tudo isto, que conversado nada custaria, tem sido tudo por mímica e cansa.

x x x

Mas o pior foi o «Caraças» que acaba de lhe produzir uma forte comoção. Sangue! «Caraças» entra pela cozinha dentro a esguichar sangue pelo nariz. Tinha sido uma grande bulha entre «Pombinha» e «Girafa». Ele chama e grita e perturba-se, «quem acode?» Vem ela a Portugal e encontra-se entre nós no intuito de escrever um livro; como aparecerão lá estas coisas?!

x x x

Também pretendeu saber, para complemento de seus estudos, se nós temos e usamos balança e outros instrumentos de medir faculdades do rapaz que chega; se temos a ficha social; se assistência médica com regularidade; se tudo, — e nós dissemos que nada. Para exemplificar, passava na maré um dos mais pequenos há dias saído do hospital de Penafiel, onde dera entrada para um caso urgente. Quando tentaram a ficha ele responde: «eu sou o Gordo». «Sim, vai o médico; vejo que és gordo, mas não é isso. Quero saber o teu nome.» «Eu sou o Gordo», torna. Ora é justamente por esse nome que cá o temos, até que seja possível indagar. A escritora ficou admirada que isto seja possível entre nós. Ela é da Dinamarca onde foi dita a última palavra sobre assistência. Que escreverá ela neste capítulo?

x x x

Temos alugado uma casa na praia de Leça, durante Agosto e Setembro para os deles que mais necessitam. «Russo» vai presidir. Os mais anos tem sido assim. Os banhistas notam e re-

EU E «ELE»

Vagabundeava nesse tempo as ruas do Porto. Furtava aqui e acolá. Era mau e impossível de aturar. Dava-me já ao luxo de quando admoestado por minha mãe, querer virar-me a ela. Não havia outro caminho; Tutoria! Porém quis Deus que o meu destino não fosse aquele e a pessoa encarregada de me lá meter, optasse pela Casa do Gaiato. Foi a minha felicidade! Na estação de Coimbra ele esperava-me e a sua figura hercúlea e bondosa, logo me impressionou. Outro chegava e vinha de Elvas; era o Júlio Mendes. De automóvel seguimos para Miranda e aí, perante os primeiros contrastes, a aldeia, o avental e barrete branco do nosso padeiro, assim como a sua fala, puseram-me confuso e logo senti saudades da minha terra natal. Nesse mesmo dia agarrei-me à sua batina e de lágrimas nos olhos, implorrei-lhe que me deixasse vir embora. Imperturbável e com um sorriso meigo, logo me disse que sim. Chorei lágrimas amargas de saudade quando ele partira não me levando consigo. Depois, foram momentos inesquecíveis que lá passei. Desde as obrigações que então tive: servente, varredor, cortador de lenha, o das galinhas e dos porcos, até sacristão, tudo era saúde e alegria. Viu-me passado tempos, de saca na mão a caminho do meu pobre. Iluminou-se o seu rosto e divisei-lhe a felicidade que dele irradiava. A visita ao pobre era a maior consolação que lhe podíamos dar. Amava os pobres como nos amava também a nós!

Quem o viu partir reparou que não era «um qualquer». Que a sua boca mesmo para



O corpo do Pai Américo deixa-nos. Fica, porém, o seu espírito.

além da morte ainda ostentava o seu doce sorrir. Não morrera, dormia. Sono eterno sim, mas de quem gozava já as belezas do céu. Faltava apenas ahrir os olhos para ser o mesmo HOMEM, o mesmo Padre, o nosso amigo, o nosso Pai.

Deixemos agora as nossas lágrimas. Façamos um juramento. Ele que veio ao mundo ensinar-nos a Caridade, tomemos por base na nossa vida futura a sua acção em prol dos sem lar. Completemos a Sua Obra e demos uma casa a cada um dos que vivem em barracos, em choupanas ou em tugúrios, certos de que lhe daremos a maior homenagem do que em sua memória lhe podemos oferecer. Se assim fizermos, teremos cumprido um dever.

Os HOMENS são grandes pelos seu actos e não pelos seus braços. Dentro deste princípio «Ele foi o maior que esta geração nos deu».

Eu rogo a paz para Ele, e peço-lhe que peça a Deus por mim.

HOMEM, PADRE OU SANTO...!
FOI «ELE» QUE ME SALVOU!

Carlos Veloso da Rocha



Na igreja de Paço de Sousa foi rezada outra missa.

gizam. A obediência produz maravilhas, mesmo que seja operada entre gaiatos. De resto não é difícil na praia pois que levam a escola daqui de casa. Aqui também obedecem aos seus chefes.

x x x

Temos tido aqui um seminarista dos Olivais que se chama Mário; o senhor Mário. Ora como o «Banana» também é Mário, mandei-o chamar e falei de uma possível colisão. Não senhora, vai ele. Nada disso. Ele é senhor Mário e eu sou Mário.

Expressões de SENTIMENTO

Do Terreiro do Paço ao bairro de latas; do Episcopado ao mais humilde cristão; do crente ao descrente; do vizinho ao longínquo ultramar—todas as zonas sociais se manifestaram. As expressões que abaixo reproduzimos são respigadas de entre centenas, sem sequer sabermos se serão as mais expressivas. Em nossa intenção servem de eco a todas as vozes.

Voz dos Trabalhadores

Sinceramente desejamos manifestar nosso pesar pela perda Padre Américo sentida por toda a gente bem formada. Motoristas da Praça oito de Maio.

Voz da Acção Católica

Direcção Geral JOC interpretando sentir jocistas portugueses apresenta sentidas condolências falecimento saudoso fundador Obra Rua. JOC.

Voz dos Presos

Reclusos Cadeia Civil Porto um sentido abraço solidariedade na dor choram convosco perda irremediável querido saudoso Padre Américo. Rezam Deus sua alma que foi para Céu.

Voz dos Pobres

— Pai Américo! Pai Américo!
— Não respondes... ai que estou orfão!
Perdi o meu Pai!!!

Vozes do Ultramar

— Infausta notícia muito nos surpreendeu e penalizou enviámos sentidos pêsames. Gerência Pessoal Sena Sugar.

— Mágoa profunda falecimento nosso querido Pai junto minha dor nossos irmãos saudades todos. Luís Velha.

Voz Anónima, Voz do Povo

Choramos com Padres Rua e Gaiatos morte Pai Américo. Uma assinante.

Presença da Igreja

— Continuação da 2ª página —
vra solícita da Igreja nossa Mãe, mais forte é a certeza e mais veemente a alegria que resultam da confirmação.

Padre Carlos